

FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES FRENTE AOS DESAFIOS DOS CURSOS DE PEDAGOGIA: cenários contemporâneos

*Training literacy teachers to face the challenges of pedagogy
courses: contemporary settings*

Zilá Carvalho Costa¹
Diego Henrique Pereira²

Resumo: O presente artigo discute a formação e prática do professor alfabetizador, abordando conceitos importantes para o processo de alfabetização e seu funcionamento. Considerando a leitura e escrita como práticas sociais que vão além da mera codificação e decodificação dos sistemas linguísticos, essa complexidade requer uma sólida formação docente, especialmente no que se referem aos métodos de alfabetização, tanto os clássicos e basilares quanto os contemporâneos. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é evidenciar a importância de uma boa formação para os professores alfabetizadores, tanto no que tange ao seu nível de conhecimento quanto na aplicação de métodos eficazes para a alfabetização. Durante o estudo, foi possível observar uma lacuna significativa no que diz respeito à formação de nível superior de pedagogos, além disso, identificamos que uma

¹ Mestra em Educação, Conhecimento e Sociedade pela Universidade do Vale do Sapucaí. Graduada em Psicologia e Pedagogia. Psicopedagoga Clínica. E-mail: zilaccosta@hotmail.com. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/6250431000283868>

² Pós-doutorado em Educação, Conhecimento e Sociedade. Doutor e Mestre em Ciências da Linguagem. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí. E-mail: diegopereira@univas.edu.br. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/6203332755709479>

parcela considerável passa por um curso à distância (EaD). Essa modalidade de ensino não necessariamente prejudica o desenvolvimento docente, mas indica instituições que priorizam o aspecto mercantil do ensino em detrimento de uma base científica sólida, revelando falhas nos processos de avaliação e acompanhamento dos cursos por parte dos órgãos reguladores.

Palavras-chave: Formação de professores. Alfabetização. Prática docente. Curso de Pedagogia.

Abstract: The present article discusses the formation and practice of the literacy teacher, addressing important concepts for the process of literacy and its functioning. Considering reading and writing as social practices that go beyond mere encoding and decoding of linguistic systems, this complexity requires a solid teacher education, especially regarding literacy methods, both classical and foundational, as well as contemporary ones. However, the overall objective of this research is to highlight the importance of good training for literacy teachers, both in terms of knowledge and the application of effective methods for literacy. It was observed, then, a significant gap regarding the higher education formation of pedagogues, the majority of whom undergo distance learning courses (EaD). This mode of education does not necessarily hinder teacher development, but indicates institutions that prioritize the commercial aspect of education at the expense of a solid scientific foundation, revealing flaws in the evaluation and monitoring processes of the courses by regulatory bodies.

Keywords: Teacher education. Literacy. Teaching practice. Pedagogy course.

INTRODUÇÃO

A alfabetização é vista como uma fase essencial no processo de ensino aprendizagem, afinal é o começo da aquisição do sistema de escrita alfabética, na qual o professor precisa desenvolver no aluno as habilidades de consciência fonológica, fazendo a relação entre a letra e seu som. O fracasso nessa fase pode acarretar prejuízos na vida do aluno ocasionando algumas limitações que podem causar dificuldades na aprendizagem durante seu percurso acadêmico, mas a importância do aprendizado da leitura e escrita vai muito além da vida acadêmica, é por meio dela que podemos ser cidadãos ativos em nossa sociedade (Carvalho, 2015).

O presente artigo aborda temas relacionados à alfabetização, principalmente sobre a formação de professores alfabetizadores, visto que o processo de ensino da leitura e escrita exige preparação para lidar com a prática em sala de aula. Além disso, tem-se aumentado a procura por cursos de Pedagogia em EaD, sendo assim, o trabalho discute as vantagens e desvantagens dessa escolha, tendo em vista que a formação em Pedagogia não termina quando o sujeito se forma, pois todo profissional precisa se manter atualizado, principalmente em relações às novas evidências científicas. “Para os professores alfabetizadores, assim como para os pais e demais educadores, os conhecimentos gerados pelas neurociências neste início do século XXI, a respeito de como aprendemos a ler, são necessários e indispensáveis.” (RENABE, 2020, p.52).

Diante dos resultados observados nas avaliações da qualidade do ensino no Brasil, principalmente em relação a leitura e escrita, a pesquisa justifica-se pela importância da prática do professor ser essencial para mudar a realidade da educação no país, pois, por décadas busca-se novas melhorias para antigos problemas.

Portanto, este artigo tem como objetivo geral desta pesquisa evidenciar a importância de uma boa formação para os professores alfabetizadores, tanto no conhecimento quanto na aplicação de métodos eficazes para a alfabetização.

1. ADENTRANDO AOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO

Ao discutir o processo de aquisição da leitura e escrita, estamos falando a respeito da Alfabetização. Essa temática é definida por diferentes autores de maneira que cada um traz diferentes definições sobre o que é ser alfabetizado. A Alfabetização, em alguns momentos, é definida por significações vagas, causando um conflito de como ela se constitui. Existem, por exemplo, diferentes métodos de Alfabetização que muitas vezes causam discussões no meio pedagógico e didático entre aqueles que estão envolvidos no ensino de leitura e da escrita.

Por falta de conhecimento, muitos pais têm a ilusão de que os filhos estão alfabetizados, mas a realidade é diferente. Eles acreditam, muitas vezes, que ler e escrever se trata apenas de codificar e decodificar algumas palavras simples e que, dessa forma, os filhos já estão alfabetizados, mas na verdade, os filhos mal sabem ler e muito menos compreender o que estão lendo. Outros pensam que só de o filho frequentar as aulas, o aprendizado da leitura e da escrita vai acontecer com sucesso. Para a Política Nacional de Alfabetização (PNA) (2019a), a partir das Ciências Cognitiva da Leitura, considera-se Alfabetização o aprendizado das habilidades de leitura e de escrita no sistema alfabético.

A leitura e a escrita estão ligadas às práticas sociais, vão além da decodificação de sons e letras. Tornar-se alfabetizado e deixar de ser analfabeto, isto é, quando o sujeito somente aprende a ler e escrever,

não quer dizer que ele já possua as condições necessárias de usar a leitura e escrita em sua prática social e seja capaz de responder às exigências e demandas atuais (Belido, 2022).

Antes de a criança aprender sobre o princípio alfabético, ela deve compreender que aqueles sons associados às letras são exatamente os mesmos sons da fala. Para quem já sabe ler e escrever, essa compreensão parece óbvia. Entretanto, ter a própria noção de que a linguagem falada é formada de sequências de pequenos sons não é algo que vai acontecer de forma fácil e natural nas crianças (Adams *et al.*, 2006).

Para aprender a ler e escrever, é necessário que a pessoa domine o princípio alfabético por meio de um ensino explícito e sistemático:

Quando uma criança ou um adulto analfabeto se dá conta de que os caracteres alfabéticos não são meros sinais gráficos, mas que, individualmente ou em grupo, representam os sons da fala (ou os fonemas da língua, para ser mais exato), dizemos que essa pessoa compreendeu o princípio alfabético, passo crucial no processo de alfabetização. Esse princípio, que se concretiza diversamente nas diferentes línguas, de modo que cada uma delas possui regras próprias de correspondência grafema-fonema, deve ser ensinado de forma explícita e sistemática, numa ordem que deriva do mais simples para o mais complexo. O alfabetizando deve ser guiado gradualmente durante a aprendizagem dessas relações grafofonêmicas. Não se trata de uma aprendizagem que ocorre de modo espontâneo, com a mera exposição a material escrito (PNA, 2019a, p.18).

Essas relações grafofonêmicas dizem respeito aos sons das letras. O aluno precisa dominar essa habilidade para saber qual som deve ser pronunciado diante de uma determinada letra (codificar, ler), ou então para saber qual letra deve ser utilizada para representar determinado som que é identificado (codificar, escrever) (Sargiani, 2022).

Sabe-se que para uma criança se tornar um leitor fluente, que lê, escreve e compreende os textos lidos, em primeiro lugar, ele precisa desenvolver a consciência fonológica e, a partir dela, ser capaz de

compreender o princípio alfabético. Essa é a principal base para se dominar as regras da decodificação grafema-fonema, ou seja, no momento em que a criança já faz o reconhecimento da palavra por meio de sua imagem acústica ou da pronúncia, nesse sentido, é importante salientar que somente saber o nome das letras não quer dizer que ela domine a relação grafemas-fonemas (princípio alfabético). A próxima etapa para a aquisição da escrita é automatizar a estratégia de decodificação grafema-fonema, mediante treinos (Benedetti, 2020).

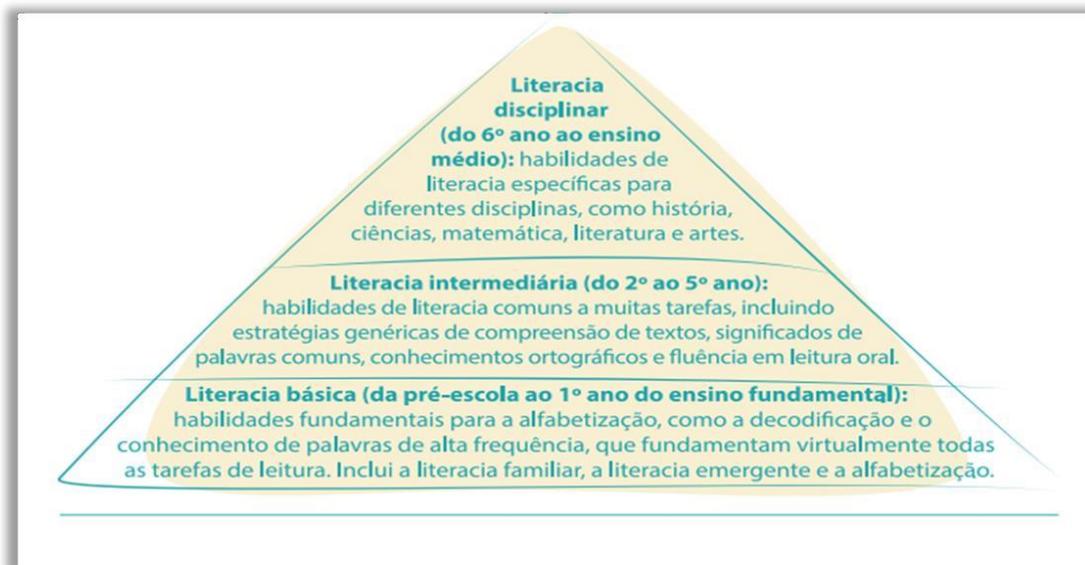
Para Saussure, a língua é um sistema de signos formados pela junção do significante e do significado, ou seja, da imagem acústica e do sentido. Esses saberes contribuem muito para a alfabetização e letramento, pois nesse processo, o sujeito parte do concreto, por meio de desenhos para um conhecimento abstrato, relacionado ao mundo da escrita (Xavier, 2015, p.88).

Segundo Zorzi (2015), o conhecimento tem que se basear além das questões da função da comunicação, isto é, das características discursivas e do sentido dos textos, por mais que sejam relevantes, é igualmente importante se voltar para aspectos formais, em especial com foco na composição sonora das palavras, o que acarreta construir, aos poucos, noções sobre as palavras, sílabas e fonemas, ou seja, da consciência fonológica. Além disso, o aluno precisa entender que as palavras faladas se constituem por sons que são as sílabas e fonemas que aparecem regularmente nas palavras que compõem a nossa língua, independente do seu significado. A escrita de palavras é formada por meio de letras, que têm o papel de retratar a composição sonora das palavras que falamos, ainda que lidemos com palavras irregulares.

Na educação infantil, a criança já tem contato com diversas práticas letradas e participa delas. No começo do Ensino Fundamental (1º e 2º anos), é esperado que ela já esteja alfabetizada. Por isso, nesses anos, a ação pedagógica é voltada para esse objetivo. O aluno precisa

saber o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura, isto é, conseguir “codificar e decodificar” os fonemas em grafemas (BNCC, 2018).

Figura 1 - Os diferentes níveis de literacia



Fonte: PNA, 2019a, p. 21.

Segundo a PNA (2019a, p. 18), “Literacia consiste no ensino e na aprendizagem das habilidades de leitura e de escrita, independentemente do sistema de escrita utilizado”. Já a Alfabetização é entendida como a aprendizagem de habilidades de leitura e escrita por meio de um sistema alfabético. No sistema ideográfico, utilizado em países como a China e o Japão, a Alfabetização é feita por analogia, o termo literacia se mostra mais apropriado (PNA, 2019a).

Após o aluno ter passado a fase inicial de aprendizagem da leitura, é hora do professor se voltar à obtenção da fluência na leitura oral. Ser um aluno fluente quer dizer gastar menos tempo e esforço para o processamento da decodificação. Dessa maneira, libera espaço na memória e possibilita uma maior habilidade para compreender o que foi

lido (RENABE, 2020). Segundo Willingham (2021), é simples compreender como a fluência auxilia na compreensão: como se exige menos atenção na tradução de fonemas, pode-se dar mais atenção ao seu significado.

Figura 2 – O número médio de palavras lidas com fluência ao final de cada ano do ensino fundamental

Ano do ensino fundamental	Número médio de palavras lidas por minuto
1º	60
2º	80
3º	90
4º	100
5º	130

Fonte: PNA, 2019a, p. 34.

De acordo com Oliveira (2021), é a fluência que permite uma leitura ágil, possibilitando ao cérebro receber informações com quantidade e qualidade necessárias para que se entenda o que está lendo. A fluência na leitura oral está ligada ao conceito de prosódia, que trata do ritmo da frase, a acentuação de palavras e sua entonação.

A habilidade do ser humano para reconhecer uma cadeia de letras e conseguir resgatar qual é o seu significado começa a ser desenvolvida, mas necessita de instruções e muitas práticas. O reconhecimento das palavras e o acesso lexical no momento da leitura de alguém proficiente acontece em milésimos de segundos, porém não é um processo simples, pois depende de níveis de cognição (Fonseca; Lukasova; Goulart, 2021).

Na alfabetização, após a criança codificar e decodificar os

fonemas em grafemas, a etapa seguinte é a compreensão, porém para ela acontecer, três fatores precisam ser considerados:

1. O leitor deve conhecer as definições da maioria das palavras usadas no texto.
2. O leitor deve ser capaz de atribuir papéis sintáticos às frases, o que pode ser difícil se elas forem longas ou se a sintaxe for complicada.
3. Os escritores inevitavelmente omitem algumas informações necessárias para relacionar as frases umas às outras. O leitor deve ter conhecimento prévio relevante para preencher essas lacunas (Willingham, 2021, p.151).

Segundo o Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências (RENABE) (2020), no primeiro momento, as crianças devem saber a relação entre letras e sons para poderem decodificar e codificar palavras. Logo, podem trabalhar com textos de acordo com as suas habilidades ainda limitadas, com o objetivo de se manterem comprometidas e motivadas com a leitura. Os textos decodificáveis são controláveis e apresentam um propósito didático e não têm nada de mecânicos ou artificiais. Esses textos têm o objetivo de fazer com que a criança com dificuldade se sinta segura e confiante em praticar sua leitura. Quando estamos realizando a leitura de textos simples, reforçamos a memória e o aprendizado entre a relação letras e sons, tornando a leitura automatizada, aumentando a fluência e a compreensão leitora. Com a evolução, elas conseguem ler textos cada vez mais longos e complexos.

Ler não é só retirar informação da escrita, decodificando letra por letra ou palavra por palavra, a prática de leitura envolve dedicação e compreensão, é assim que conseguimos formar sujeitos aptos a ler e escrever com eficiência. Por isso, se faz necessária a prática recorrente de leitura a partir de diferentes textos (Santos *et al.*, 2021).

De acordo com Ciríaco (2020), leitura implica compreensão, uma

pessoa que só consegue codificar as palavras sem ter tido o entendimento do que elas dizem, não pode ser visto como alguém que realmente sabe ler. No entanto, ler é conseguir extrair do texto seu sentido. O principal objetivo de uma leitura é entender do que se trata o texto. Essa compreensão diz respeito a conhecer a intenção do autor, ser capaz de perceber as mensagens explícitas e implícitas, conseguir analisar o que está no texto e o que o leitor já sabe ou pensa sobre um determinado assunto (Ciríaco, 2020).

De acordo com Santos *et al.* (2021), pela leitura possibilita-se a reflexão e o raciocínio dos sujeitos. Quando estamos lendo, assumimos uma posição ativa no processo de aprendizagem, conseguimos nos posicionar frente ao conhecimento. O leitor, nesse caso, se sente à vontade para questionar, formular e debater sobre o que é aprendido enquanto está lendo. A base da leitura é estimular a imaginação, educar, instruir e desenvolver a inteligência de quem está lendo.

Adultos que possuem um grande conhecimento prévio, ou seja, possuem saberes guardados na mente e mais tarde podem ser acessados, adquirem a maioria do seu conhecimento por meio da leitura. Necessitamos de conhecimento para podermos ler; e a leitura é o que nos traz conhecimento (Willingham, 2021).

De acordo com o RENABE (2020), a Alfabetização pode ter a finalidade de ensinar habilidades para que o sujeito possa decodificar e codificar, mas só essas habilidades não conseguem fazer dele bom leitor e escritor. Outros conhecimentos e habilidades precisam estar envolvidos, como: vocabulário e conhecimento de mundo.

Willingham (2021) ressalta que quando a leitura para de girar em torno da decodificação, o conhecimento prévio que aquela criança possui assume um papel central. Depois que passa a segundo ano, a leitura passa a se basear na compreensão. A partir de então, as crianças

que não possuem um bom conhecimento prévio apresentam dificuldades na leitura, mesmo que até aquele momento estivesse indo bem.

No quarto ano, a habilidade de leitura “básica” é aquela em que a criança passa a ter a capacidade de procurar informações importantes, realizar inferências simples, além de utilizar seu entendimento do texto para poder detectar detalhes que certificam sua interpretação (Willingham, 2021).

Sobre esperar o tempo de cada criança, Oliveira (2021) ressalta que se ela é alfabetizada tarde e progride pouco na fluência leitora, provavelmente vão aparecer perdas significativas. É difícil para ela chegar junto aos colegas no mesmo nível de fluência, situação essencial para que haja êxito escolar no ano compatível com a sua idade.

Para Willingham (2021), se a criança perder a janela de aprendizado nos primeiros anos de vida, não quer dizer que já tudo está perdido, o ser humano sempre é capaz de aprender, porém, na vida não existem atalhos, nosso vocabulário e conhecimento de mundo são adquiridos lentamente, com o passar do tempo, não há uma maneira de acelerar esse processo.

Para RENABE (2020), em relação à Alfabetização, dizer que “cada criança tem seu tempo” é uma forma romântica e vazia de nos relacionarmos com as evidências científicas da leitura junto com a neurociência cognitiva e com a realidade do nosso país, pode-se concluir que o tempo na verdade é do cérebro.

É importante para a criança que o início da Alfabetização aconteça no tempo em que se é esperado:

Os estudos de desenvolvimento cerebral e do funcionamento cerebral de acordo com os diferentes testes de leitura e de outros estudos referentes à plasticidade cerebral reforçam a

importância da estimulação da capacidade de decodificação fonológica, no início da alfabetização, independentemente do método escolhido para o ensino da leitura. Eventual atraso na estimulação desta habilidade poderia implicar a perda do melhor momento para o desenvolvimento do reconhecimento da relação grafema fonema, tão importante para a leitura no futuro de palavras desconhecidas. A perda do momento inicial mais propício para o desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita determina que se procure, após esta faixa etária, resgatar este aprendizado com o desenvolvimento de certas habilidades dentro de um processo de aprendizado e reabilitação. Isto determina outro planejamento da estratégia de ensino estimulando a capacidade associativa e as habilidades de percepção e execução. De qualquer forma, deve-se estimular o aprendizado fônico, visto que as pesquisas quantitativas evidenciam que é benéfico e que há correspondência com o processo neurológico (Araújo *et al.*, 2011, p.69).

Outra habilidade precursora importante, que só está pronta fisicamente por volta dos sete anos, são as capacidades motoras necessárias para o desenvolvimento da escrita. Essa é uma das razões que explica por que só por volta dessa faixa etária começa a prática da escrita (Trindade, 2016).

Entende-se que a leitura e escrita tratam de processos cujo adiantamento é desnecessário, pois muitas habilidades precursoras precisam estar bem trabalhadas, mas também não se pode deixar tardar, pois perdemos a melhor fase para a criança ser alfabetizada. Sabe-se que existem escolas que estão deixando o tempo passar e diversas crianças que deveriam estar alfabetizadas no segundo ano do Ensino Básico não estão. Muitas vezes, a escola busca ajuda quando essa criança já está nos quarto e quinto anos, sendo difícil uma intervenção para recuperar o tempo perdido.

É importante ressaltar que as dificuldades na leitura e escrita estão ligadas fortemente a fatores externos, podendo, muitas vezes, cair principalmente sobre a escola as responsabilidades de buscar meios para superar esse problema. De acordo com o MEC (Ministério da

Educação) (2019b), são muitos os fatores que interferem no desenvolvimento da leitura em crianças. Alguns deles estão ligados a fatores extraescolares, como, por exemplo, nível socioeconômico da criança e diferentes aspectos que afetam o ambiente cultural, a motivação e como a criança se familiariza com o mundo da leitura e escrita.

Achar que a escola é a única responsável pelo ensino é o mesmo que responsabilizar a administração pública pela limpeza urbana de um bairro ou de uma cidade (Simplicio; Haase, 2020). É justamente isso que muitos pais fazem, se isentam das suas responsabilidades, depositando na escola todas as obrigações pelo aprendizado dos filhos. Muitos não fazem o mínimo, reclamam das tarefas que são levadas para casa e não frequentam as reuniões. Temos que pensar na escola como uma extensão do aprendizado da criança.

Dehaene (2022, p.326) fala a respeito da presença da família na educação dos filhos e como a escola precisa se preparar para incluir esses pais em seus espaços:

[...]A família está aberta sete dias por semana e, portanto, melhor que a escola, pode tirar completo proveito da alternância entre o sono e a vigília, entre o aprendizado e a consolidação. As escolas deveriam dedicar mais tempo ao treinamento dos pais, porque essa é uma das intervenções mais eficazes: pais bem treinados podem ser inestimáveis parceiros de equipe para os professores e observadores perspicazes das dificuldades dos filhos.

Ser presente na vida de um filho vai muito além de algumas conversas com os professores e idas às reuniões escolares. Ser presente na escola começa em casa, por meio de conversas sobre a importância dos estudos, acompanhamento das atividades de casa, incentivo à leitura, estabelecimento de rotina, controle do tempo de uso das telas. Portanto, a presença dos pais na vida escolar significa presença na vida

familiar. Os professores identificam e diferenciam quais alunos têm pais ausentes e presentes. Existe uma diferença em estar presente fisicamente, mas ausente no que diz respeito às responsabilidades como pais (Alves; Barbosa, 2010).

As crianças, quando são acolhidas em casa pela família, se sentem mais preparadas e confiantes, o que resulta em um comportamento cooperativo, com autocontrole, espontaneidade e uma maior motivação no aprendizado. A escola que pode contar com o apoio dos pais e responsáveis forma alunos com melhor desenvolvimento em relação a suas habilidades e competências (Santos *et al.*, 2022).

2. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR, PELO CURSO DE PEDAGOGIA

A atuação do pedagogo se encontra em crescimento com constantes transformações devido às novas exigências da sociedade. Esses profissionais podem trabalhar em salas de aulas; com Alfabetização de crianças, jovens, adultos e idosos; podem atuar na Pré-Escola; Ensino Fundamental; Gestão; Supervisão e Orientação Escolar, tais campos auxiliam na diminuição dos problemas ligados à qualidade educacional. Além dessas áreas, eles podem atuar com alunos que possuem necessidades especiais, como, por exemplo, estudantes com transtornos de neurodesenvolvimento, transtornos de aprendizagem e limitações físicas. Tais casos exigem a adequação de seus métodos de ensino e materiais específicos que proporcionem um entendimento satisfatório e equilibrado dos conteúdos para todos os estudantes (De Oliveira, 2021).

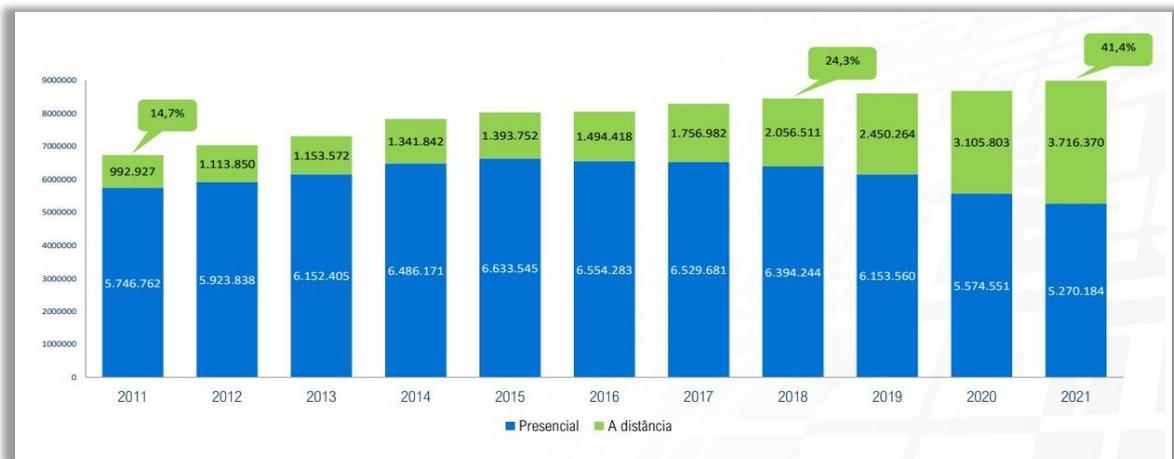
A formação em Pedagogia exige uma grande quantidade de conteúdo a ser abrangida durante o curso, entre eles:

[...]Sociologia; História da Educação; Filosofia; Tecnologia;
Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem;

Fundamentos do Ensino de Português, Matemática, Geografia, História e Ciências Naturais; Psicologia da Educação; Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico; Didática; Currículo; Artes; Inclusão e Libras; entre tantas outras disciplinas teóricas [...] (De Oliveira, 2021, p.8).

Ao longo do tempo, houve uma mudança no perfil do profissional formado em Pedagogia. Uma dessas principais transformações foi o crescimento de profissionais da área que têm optado pela formação em EaD. De acordo com Moraes Filho *et al.* (2022), o grande crescimento do curso de Pedagogia nesse formato pode ser explicado por precisar de poucos investimentos tecnológicos para sua criação e difusão, além disso, trata-se de um campo com uma boa absorção no mercado de trabalho.

Figura 5 - Número de matrículas em cursos de graduação, por modalidade de ensino – Brasil



Fonte: Censo da Educação Superior, 2022, p.37.

O censo do Ensino Superior, no Brasil, mostrou que nos anos de 2011 a 2021 houve um grande aumento no número de ingressantes em cursos de graduação, na modalidade de EaD (educação a distância) e uma diminuição das matrículas em cursos presenciais.

Nos últimos 10 anos, a educação a distância vem aumentando sua participação na educação superior. Em 2011, a modalidade EaD representava 14,7% das matrículas de graduação. Em 2018, ultrapassou a marca de 2 milhões de alunos, e, em 2021, alcança 3,7 milhões, o que representa mais de 41% dos alunos de graduação no país (Censo da Educação Superior, 2022, p. 31).

Com esse aumento significativo de cursos em EaD, podemos fazer algumas reflexões: existem vantagens nesse tipo de ensino, como por exemplo, a educação se tornou mais acessível, sendo possível realizar um curso de qualquer lugar do Brasil, além disso, as faculdades conseguem oferecer mensalidades com preços atrativos para o aluno. Porém, há, também, as desvantagens, pois cada vez mais aparecem cursos que podem ser realizados nesse formato, principalmente em Pedagogia, o que provoca dúvidas quanto à qualidade na preparação do profissional, além do mais, esses cursos têm menor custo para a instituição, afetando os salários dos professores.

Desmurget (2021, p.105) discorre sobre a invasão digital na educação e, conseqüentemente, a desvalorização do professor. “O digital é, antes de tudo, um meio de reduzir as despesas educativas, substituindo, de modo mais ou menos parcial, o homem pela máquina. Essa transferência lança o professor qualificado para a longa lista de espécies ameaçadas.”

Hoje, principalmente depois de uma pandemia, houve uma ruptura com práticas tradicionais de ensino. Cada vez mais o aprendizado está ligado ao uso de tecnologias, mas não podemos negar que todo aprendizado deve envolver a prática em campo, assim, as faculdades a distância devem exigir não apenas conhecimento teórico, mas oferecer oportunidades de o aluno ter experiência no seu campo de atuação.

Figura 6 - Os 10 maiores cursos de graduação, por modalidade e rede de ensino - Brasil 2021

Rede Federal		Rede Privada	
Nome da Área do Curso - Cine Brasil	Número de Matrículas	Frequência %	Frequência acumulada %
Administração	47.174	3,7	3,7
Pedagogia	44.490	3,5	7,1
Direito	42.099	3,3	10,4
Medicina	41.297	3,2	13,6
Agronomia	39.211	3,0	16,6
Engenharia civil	37.215	2,9	19,5
Sistemas de informação	30.702	2,4	21,9
Biologia formação de professor	30.258	2,3	24,2
Engenharia elétrica	28.951	2,2	26,5
Matemática formação de professor	28.597	2,2	28,7

Nome da Área do Curso - Cine Brasil	Número de Matrículas	Frequência %	Frequência acumulada %
Pedagogia	12.852	15,7	15,7
Matemática formação de professor	8.500	10,4	26,1
Letras português formação de professor	7.302	8,9	35,0
Administração	6.700	8,2	43,2
Administração pública	6.681	8,2	51,4
Biologia formação de professor	4.116	5,0	56,4
Computação formação de professor	2.658	3,2	59,6
Engenharia de produção	2.625	3,2	62,9
Física formação de professor	2.536	3,1	66,0
Química formação de professor	2.348	2,9	68,8

Nome da Área do Curso - Cine Brasil	Número de Matrículas	Frequência %	Frequência acumulada %
Direito	616.980	18,3	18,3
Psicologia	261.818	7,8	26,1
Enfermagem	243.562	7,2	33,4
Administração	195.741	5,8	39,2
Medicina	158.017	4,7	43,9
Fisioterapia	136.483	4,1	47,9
Odontologia	125.363	3,7	51,7
Engenharia civil	117.961	3,5	55,2
Farmácia	105.072	3,1	58,3
Pedagogia	103.393	3,1	61,4

Nome da Área do Curso - Cine Brasil	Número de Matrículas	Frequência %	Frequência acumulada %
Pedagogia	557.273	15,7	15,7
Administração	341.139	9,6	25,3
Contabilidade	193.181	5,5	30,8
Gestão de pessoas	170.469	4,8	35,6
Educação física	146.492	4,1	39,7
Sistemas de informação	128.865	3,6	43,4
Enfermagem	108.249	3,1	46,4
Serviço social	103.907	2,9	49,4
Logística	95.968	2,7	52,1
Marketing	74.207	2,1	54,2

Fonte: Censo da Educação Superior, 2022, p.41.

A Pedagogia é o curso mais procurado em EaD nas faculdades privadas e federais. Ela não deixa de ser também um dos cursos mais procurados presencialmente, tanto nas federais quanto nas particulares. A tendência, como mostra o gráfico, é que cada vez mais os pedagogos escolham o ensino a distância, por isso existe o risco de algumas faculdades privadas não se adequarem a essa realidade, de não conseguirem abrir turmas.

Atualmente, ter um diploma em Pedagogia está cada vez mais acessível. Quem têm uma primeira graduação em qualquer área consegue fazer uma complementação pedagógica em pedagogia em apenas seis meses, podendo realizar o curso a distância.

A RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2019, em seu

capítulo VI, disserta sobre a formação pedagógica para graduados:

Art. 21. No caso de graduados não licenciados, a habilitação para o magistério se dará no curso destinado à Formação Pedagógica, que deve ser realizado com carga horária básica de 760 (setecentas e sessenta) horas com a forma e a seguinte distribuição:

I - Grupo I: 360 (trezentas e sessenta) horas para o desenvolvimento das competências profissionais integradas às três dimensões constantes da BNC-Formação, instituída por esta Resolução.

II - Grupo II: 400 (quatrocentas) horas para a prática pedagógica na área ou no componente curricular (Brasil, 2019c, p.11).

A Resolução CNE/CP nº 02/2019 simboliza uma lacuna alarmante para a docência. A diminuição da carga horária na formação pedagógica de graduados em cursos que não são de licenciatura fez com que os candidatos procurassem por essa formação somente com o objetivo de tornar mais ligeira a formação docente, resultando na precarização e desvalorização na área, além do comprometimento da qualidade do ensino. Essa situação só demonstra o descaso com a educação do país (Gadêlha; Nogueira; De Moraes, 2022). Existem dois instrumentos no Brasil que monitoram a educação superior, são eles: os processos de reconhecimentos de cursos de nível superior e o ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes). Ambos são frágeis e não elevam o nível da qualidade dos professores em nosso país (RENABE, 2020).

Simplicio; Haase (2020), levantam a seguinte questão sobre o conhecimento do professor por meio dos cursos de pedagogia: o curso pedagogia dura em torno de quatro anos no Brasil, será que esses cursos são capazes de fornecer os conhecimentos básicos sobre a aprendizagem que seja capaz de ajudar a compreender as funções cognitivas, o limite do processamento da informação ou conhecimento

que permita identificar crianças com dificuldades?

Nos cursos de Pedagogia, existe uma supervalorização das teorias pedagógicas, que foram desenvolvidas de formas mais generalista, causando assim, um prejuízo em relação aos conhecimentos específicos necessários para que os professores estejam aptos a lecionar em sala de aula (Da Costa e Gonçalves, 2020).

A Alfabetização de uma criança não é algo simples de se executar, requer muito estudo e preparação. De acordo com o documento do MEC (2019b), esses profissionais devem saber as complexidades fonéticas e ortográficas presentes na nossa língua para conseguir prever, detectar e corrigir as dificuldades no processo de aquisição de leitura e escrita de seus alunos.

Além dos já mencionados, outros assuntos em relação ao currículo da formação dos professores precisam ser discutidos. De acordo com Simplicio; e Haase (2020), ao olhar para a formação dos principais cursos superiores nacionais de pedagogia, é possível identificar certo alheamento de campos de estudo cada vez mais revisados, como a neurociência e a Psicologia Cognitiva.

A avaliação e o monitoramento da leitura e da escrita nos alunos devem ser mais abordados nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação no campo da educação (RENABE, 2020). Hoje, se o profissional não buscar aprendizado fora da graduação e pós-graduação sobre esses instrumentos de avaliação da leitura e escrita, dificilmente irá aprender algo sobre o assunto, porque a maioria dos cursos, quando abordam essa temática, o fazem de modo superficial. Diante dessa realidade, para se aprimorar no assunto, existem, hoje, diversos cursos livres específicos para cada instrumento escolhido.

Os professores precisam avaliar como está o nível de suas turmas, mas devem, principalmente, saber o que fazer depois disso, e, no

entanto, a maioria se perde nesse processo. Para RENABE (2020), cada profissional precisa escolher seus instrumentos de acordo com o contexto de avaliação. O melhor caminho é pesquisar as evidências que levaram aquele material a ser um bom preditor de resposta às intervenções/instruções.

A figura 7 trata de algumas sugestões de instrumentos que podem ser usados para avaliação da leitura e da escrita no contexto escolar/educacional, sua escolha deve ser baseada no objetivo e escopo da avaliação.

Figura 7 - Alguns instrumentos de avaliação de leitura e escrita no contexto nacional

Instrumento	Utilização		Escolaridade
	Individual	Coletiva	
TCLPP	X	X	2º ao 5º ano
Avaliação da fluência de leitura de palavras	X		4º ano
Técnica de Cloze	X	X	
TELCS	X	X	2º ao 5º ano
TDE II (subteste Leitura)	X		1º ao 9º ano
Coleção ANELE	X	X	1º ao 9º ano
PROLEC	X	X	2º ao 5º ano
NEUPSILIN-Inf	X		1º até o 7º ano
TDCL	X	X	2º ao 5º ano
PROHMELE	X	X	1º ao 4º ano
Avaliação coletiva da fluência e compreensão de leitura textual	X	X	6º ao 9º ano
PLEP			2º ao 5º ano
EACOL	X		2º ao 5º ano
THPL	X	X	Pré-escola ao 2º ano

Fonte: De Salles; Minervino e Koltermann, 2020, p. 252.

Há um grande número de professores que trabalham na Alfabetização na rede pública e que são concursados, mas não lhes foi exigido nada além da graduação para trabalharem nos anos que envolvem o aprendizado da leitura e escrita, sem contar que é comum

a escola mudar o professor da série em que ele atua. “Os concursos de admissão de professores pelas Secretarias de Educação, por sua vez, são genéricos, não detalhando conhecimentos e competências específicas, muito menos para o caso dos professores de Alfabetização” (MEC, 2019b).

Existem muitas discussões a respeito da formação continuada dos professores, pois se refere a uma via para a melhoria da qualidade de aprendizado dentro das escolas. Trata-se de uma das alternativas para mudar os indicadores de desempenho dos estudantes em avaliações oficiais (Andrade *et al.*, 2014).

Para que o professor faça alguma especialização ou curso, muitas vezes, demanda-se investimento e tempo, e, deve-se considerar que, fora da escola, ele ainda prepara suas aulas, além do acúmulo de dois cargos, feito por muitos. É uma realidade dolorosa, pois estes profissionais convivem com baixos salários e más condições de trabalho, principalmente nas escolas públicas, além da progressão salarial não ser um atrativo.

De acordo com a Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Talis), coordenada pela OCDE, que avalia o ambiente de ensino e aprendizagem e as condições de trabalho do educador e diretores das escolas, no ano de 2018, uns dos seus resultados sobre a formação dos professores do Ensino Fundamental I e II mostrou que 1,4% estão abaixo do Ensino Superior; 2,6% possuem curso superior – tecnólogo ou equivalente; 89,8% apresentam Ensino Superior - bacharelado, licenciatura ou equivalente; apenas 5,9% dos professores possuem mestrado e 0,3%, doutorado (QEDU, 2019). Assim sendo, percebe-se que a grande maioria dos professores estão bem distantes de possuírem um diploma *stricto sensu*.

O curso de Pedagogia abrange diversos saberes e habilidades

necessárias para a atuação do professor em sala de aula, sendo um curso que precisa se basear nas práticas educativas interdisciplinares e transdisciplinares:

Ao se reconhecer alguns aspectos que dizem respeito ao papel do professor, bem como a sua função social, também se evidencia a necessidade do profissional docente possuir uma variedade de conhecimentos, saberes e habilidades de diferentes naturezas para assumir a tarefa educativa diante da abrangência e complexidade da educação, não se limitando a, mas perpassando o domínio dos conhecimentos pedagógicos e dos conteúdos específicos da área de atuação e formação. Tais conhecimentos, saberes e habilidades têm se traduzido em demandas próprias do exercício da profissão docente, refletidas em discussões relacionadas à sólida formação científica e cultural do ensinar e aprender, apontando-se para a necessidade de aprendizagem de práticas educativas baseadas na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, na contextualização curricular e no uso das tecnologias e metodologias diferenciadas de ensino (Leite, *et al.*, 2018 p.4).

Leite *et al.* (2018) aponta que a complexidade na formação do professor aumenta quando refletimos que o processo de ensinar não se restringe a um grupo de alunos homogêneo cujo nível de ensino é somente um. Esse profissional é formado para trabalhar na educação básica que possui diferentes níveis, exigindo, assim, diferentes especificidades. Além disso, em uma turma com a mesma categorização, há estudantes com experiências de vida diferentes, com níveis de conhecimentos distintos que devem ser levados em consideração em seu aprendizado. Outra realidade é a dos alunos com necessidades especiais, que muitas vezes precisam de um atendimento baseado em suas demandas cognitivas, mentais e físicas.

O profissional de educação precisa se aprimorar principalmente a partir de pesquisas relacionadas a neurociências e áreas afins. Sua atuação precisa ser baseada em práticas comprovadas pelos métodos científicos. Esse conhecimento precisa estar presente na formação e na

atualização dos professores.

Além disso, o professor deve entender sobre o desenvolvimento do cérebro infantil. É preciso que tenhamos conhecimento de como funciona algo para poder intervir, por isso, temos que enriquecer a formação dos professores com conhecimento sobre plasticidade cerebral e sobre como as crianças aprendem, o que levará a melhor aproveitamento do conhecimento em sala de aula (Dehaene, 2020).

Os pesquisadores, gestores e professores devem saber mais a respeito da educação de outros países. Necessitam dialogar a respeito delas, implementá-las e testar quais os seus resultados (RENABE, 2020). Cada país vive uma realidade diferente. Somos um país populoso com diferentes culturas, e, sobre isso, Dahan (2020) explica que não existe muita variação sobre os mecanismos cerebrais utilizados por diferentes culturas e povos, a leitura sempre vai necessitar de um aperfeiçoamento do processamento visual para o reconhecimento das letras e de uma ligação entre essas e os sons da fala. Na língua chinesa, não se utilizam letras, mas sim, caracteres que mapeiam estatisticamente os sons da fala. Sendo assim, ensinar a correspondência entre letras e sons é uma das atividades mais relevantes e rápidas para o aprendizado da leitura. Essa estratégia também melhora a compreensão leitora do aluno, indo muito além da simples decodificação.

Desmurget (2021) destaca que os professores são o recurso mais valioso nas escolas. Nenhum sistema de alta performance tem tanto respeito como sua figura. São os responsáveis por um ensino de qualidade, resultado de decisões políticas deliberadas que foram cautelosamente pensadas no decorrer do tempo.

Para Sargiani (2022), os principais atores do processo educacional são os professores, sendo assim, seu impacto é extremamente relevante nos processos de ensino-aprendizagem. Existem muitos profissionais

brasileiros que exercem suas funções em condições adversas, com recursos escassos, além de ter que competir, muitas vezes, com a fome e outras adversidades que as condições socioeconômicas impõem a nossa sociedade.

Mesmo com tanta adversidade, os docentes são responsáveis por alfabetizar salas lotadas de alunos e com poucos recursos. Quando o contexto é adverso, não basta apenas os bons materiais. Esses profissionais, além de condições mínimas de trabalho, precisam ter uma formação sólida baseada em evidências. Durante a faculdade, necessitam ter a oportunidade de realizar estágios supervisionados. Quando se formam, é necessário que sempre se mantenham atualizados e que realizem cursos de formação continuada e de desenvolvimento profissional com o objetivo de reciclar as práticas em sala de aula e aperfeiçoar seu repertório (Sargiani, 2022).

O valor de um professor vai muito além dos quais podemos imaginar, suas contribuições fazem parte de vários ensinamentos essenciais para a vida do ser humano, como comprovado na citação abaixo:

Professores são profissionais essenciais na construção do conhecimento dos alunos, na adaptação entre conteúdos e formas de expressão, na elaboração e condução da experiência educativa, na vivência de situações didáticas e na construção da escola, contribuindo, para isso, com seus valores, saberes e competências. Aos docentes é dada a tarefa de facilitar reflexões, discussões e debates sobre diferentes questões contemporâneas, contribuindo, fundamentalmente, para a formação dos alunos, seu aprimoramento como pessoa humana, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico (Maia, 2019, p. 150).

A educação e o educador são os instrumentos essenciais para a efetiva conquista no progresso e para a justiça social, porém, esse

propósito, só pode ser garantido se a educador se mostrar sensível aos problemas encontrados no educando e que tenha vontade de aprender com ele, assim como ensinar com envolvimento, eficácia e paixão (Capovilla; Seabra, 2011).

O curso de Pedagogia, ao longo do tempo, passou por reorganizações para que se pudesse proporcionar uma formação que se baseasse nas demandas da nossa sociedade, com isso, é possível perceber que muitos impasses ainda existem e que há muito o que fazer. Entende-se que a formação do pedagogo não tem a atenção de que precisa diante de tamanha importância que representa em nossa sociedade (Da Costa e Gonçalves, 2020).

CONCLUSÃO

A leitura e escrita se trata de uma aprendizagem complexa, muitas habilidades anteriores à alfabetização devem ser trabalhadas na educação infantil, sendo assim, os professores nessa fase têm uma importante responsabilidade nessa preparação. Nas séries iniciais do ensino fundamental é esperado que a criança consiga ler e escrever, mas existe uma diferença muito grande no Brasil do que é esperado e o que realmente acontece. Portanto, discutir a alfabetização em nosso país é um tema necessário e urgente.

A família tem um papel importante na educação dos filhos, as crianças precisam de pais preparados para estimularem seus filhos na leitura e escrita, mas isso ainda é um empecilho em muitas famílias, pois, muitos não têm conhecimento para tal, cabe ao professor alfabetizador o papel primordial de conseguir desenvolver essa habilidade nas crianças.

A leitura e escrita está presente na vida acadêmica e social, sendo uma importante habilidade para o desenvolvimento cognitivo da criança. É o professor alfabetizador que está com a criança nessa etapa, por isso, o profissional bem formado e atualizado consegue estar mais preparado para os desafios dessa profissão, alcançando assim melhores resultados entre seus alunos.

Muitos autores defendem a formação continuada dos professores como estratégia para mudar a realidade da educação de hoje. Ao longo do tempo, sempre foi defendido que os docentes são profissionais que necessitam de constantes atualizações. Porém, a graduação do Pedagogo precisa ser melhor discutida, principalmente a respeito das teorias estudadas, até mesmo se discutir melhor sobre a o monitoramento e a qualidade dos cursos oferecidos em nosso país.

É inegável considerar que a educação brasileira precisa de práticas inovadoras baseadas na realidade de suas demandas e fundamentadas em evidências científicas. Oferecer uma educação de qualidade para os professores desde sua formação é dar mais oportunidade para que as crianças aprendam e façam a diferença em nossa sociedade.

Por isso, É de suma importância que os cursos de pedagogia forneçam uma formação abrangente aos futuros professores, especialmente no que diz respeito à alfabetização. Professores alfabetizadores bem preparados têm o conhecimento e as habilidades necessárias para implementar métodos de alfabetização eficazes em suas práticas pedagógicas. Ao entenderem os diferentes métodos de alfabetização, esses professores podem adaptar suas abordagens de ensino de acordo com as necessidades individuais dos alunos. Além disso, uma compreensão aprofundada dos métodos de alfabetização permite que os professores identifiquem e intervenham prontamente em possíveis

dificuldades de aprendizagem, promovendo assim o sucesso acadêmico e o desenvolvimento integral de seus alunos ao longo de sua jornada educacional. Portanto, os cursos de pedagogia desempenham um papel crucial na preparação de professores alfabetizadores competentes e capacitados, profissionais essenciais para o progresso educacional e social de uma sociedade.

REFERÊNCIAS:

ADAMS, Marilyn Jager *et al.* **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Artmed Editora, 1º ed. São Paulo, 2006.

ALVES, J R; BARBOSA, M J. **Ausência dos pais na vida escolar das crianças do ensino fundamental**, 2010. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-ausencia-dospais-na-vida-escolar-das-criancas-do-ensino-fundamental/55083>. Acesso em 22 de fev. de 2024.

ANDRADE E. M. A. *et al.* **Eficácia de um programa de intervenção fônica para crianças com dificuldades de leitura e escrita**, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000200005#:~:text=De%20acordo%20com%20os%20resultados,d a%20cidade%20 de%20S%C3%A3o%20Paulo. Acesso em: 20 fev. 2024.

ARAÚJO, Aloísio. Pessoa *et al.* **Aprendizagem infantil: uma abordagem da neurociência, economia e psicologia cognitiva**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BELIDO, Sunamita de Souza. **Reflexão sobre: letramento e alfabetização**, 2022. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2022/GT08/TRABALHO__EV174_MD5_ID14763_TB3725_23082022214609.pdf. Acesso em: 18 fev. 2024.

BENEDETTI, Kátia. Simone. 2020. **A falácia socioconstrutivista: por que os alunos brasileiros deixam de aprender a ler e escrever**. 1º ed. Campinas: CEDET, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA: Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019a.

BRASIL, Ministério da Educação. **Grupo de trabalho alfabetização infantil: os novos caminhos: relatório final**. 3º edição. Brasília, 2019b.

BRASIL, **Resolução Nº 2, de 20 de dezembro de 2019c**. Define as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial de professores para a educação básica e institui a base nacional comum para a formação inicial de professores da educação básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>. Acesso em 15 de fev. de 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **RENABE: Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências**, Brasília, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mec/ptbr/media/aceso_informacao/pdf/RENABE_web.pdf. Acesso em 20 de fev. de 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Censo da educação superior, 2022**. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2021/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2021.pdf. Acesso em: 16 de fev. de 2024.

CARVALHO, Marlene. Espelho, espelho meu: alfabetizadoras falam de sua prática. In: **Alfabetizar e letrar um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 105 a 118.

CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. **Problemas de Leitura e Escrita**. 6º edição. São Paulo. Memnon, 2011.

CIRÍACO, Flávia Lima. **A Leitura e a Escrita no Processo de Alfabetização**, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/4/a-leitura-e-a->

escrita-noprocesso-de-alfabetizacao. Acesso em: 17 de fev. de 2024.

DA COSTA, Tamara Cristina Penha *et al.* **Linguagem humana: uma análise sobre a escrita**, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/2843/2628>. Acesso em: 19 de fev. de 2024.

DA COSTA, Clara Corrêa; GOLÇALVEZ, Helenice. **Formação pedagógica no curso de pedagogia: indefinições e desafios**, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13772/9120>. Acesso em: 17 de fev. de 2024.

DE OLIVEIRA, M. A. R. **A atuação do Pedagogo em espaços educacionais não escolares**, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3139/1/Monografia%20Marcel%20Ayres%20Rocha%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 23 de fev. de 2024.

DE SALLES, Jerusa Fumagalli; MINERVINO, Carla Alexandra da Silva Moita; KOLTERMANN, Gabriella. Avaliação e monitoramento da leitura e da escrita em crianças. 145 In: **RENABE: Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências**. Brasília, 2020. p. 242-261.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças**. São Paulo: Vestígio, 2021.

DEHAENE, S. **Como o cérebro da criança aprende a ler na alfabetização?**. Youtube, 2020. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=BmRDFaBYIW&t=958s>. Acesso em: 22 de fev. de 2024.

DEHAENE, S. **É assim que aprendemos: porque o cérebro funciona melhor do que qualquer máquina (ainda...)**. São Paulo: Contexto, 2022.

FONSECA, Maria Cristina Micelli; LUKASOVA, Katerina; CARTHERY-GOULART, Maria Teresa. **Acesso Lexical na Leitura: Síntese de achados a partir de estudos de rastreamento ocular e suas implicações para a alfabetização**, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/7433/6750>. Acesso em: 14 de fev. de 2024.

GADÊLHA, Maria Leudysvania de Sousa Lima; NOGUEIRA, Antonio Wherbty Ribeiro; DE MORAES, Ana Cristina. **Implicações da Resolução CNE/CP nº 02/2019 na formação docente de profissionais não licenciados**, 2022. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/52085/pdf>. Acesso em: 15 de fev. de 2024.

LEITE, Eliana Alves Pereira et al. **Alguns desafios e demandas da formação inicial de professores na contemporaneidade**, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/yyCJRCdt8bMZShfrdQRNBM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 de fev. de 2024.

MAIA, Helenice. **Formação docente em nível médio e superior: perspectivas de professores sobre o exercício da docência em seu trabalho**, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/download/173/96/545> Acesso em 22 de fev. de 2024.

MORAES FILHO, I. M. *et al.* **Processo de implementação da EaD no contexto brasileiro: um olhar através da pedagogia**, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26998>. Acesso em: 17 fev. 2024.

NADALIM, Carlos. **As 5 etapas para alfabetizar seus filhos em casa - O guia definitivo**. Maringá: by Como Educar seus Filhos, 2015.

OLIVEIRA, João Batista de Araújo. **E-book Fluência de Leitura**. Brasília, 2021. Disponível em: http://www.alfaabeto.org.br/wp-content/uploads/2022/01/E-book_Fluencia-deLeitura_20.12.21_V3.pdf. Acesso em: 11 de fev. de 2024.

QEDU, **Plataforma de Dados sobre Educação. Perfil dos Professores.**

Disponível em: <https://paises.qedu.org.br/perfil-dos-professores/>. Acesso em: 19 de fev. de 2024.

SANTOS, Ronielle Batista Oliveira *et al.* **A importância da leitura na sala de aula**, 2021. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14129/12748>. Acesso em: 18 de fev. de 2024.

SANTOS, A. F *et al.* **Influência Social: A participação da família na aprendizagem dos filhos**, 2022. Disponível em:

<https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/30>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

SARGIANI, Renan. Alfabetização baseada em evidências: como a ciência cognitiva da leitura contribui para a prática e políticas educacionais de literacia. In: SARGIANI, Renan. **Alfabetização baseada em evidências: da ciência à sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2022. p.1-43.

Simplício, Henrique Augusto Torres; Haase, Vitor Geraldi. **Pedagogia do Fracasso: O que as ciências cognitivas têm a dizer sobre a aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora Ampla, 2020.

TRINDADE, André. **Mapas do corpo: educação postural de crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 2016.

WILLINGHAM, Daniel T. **Crianças que lêem: o que os pais e professores podem fazer para ajudar**. 1º ed. Campinas: CEDET, 2021.

XAVIER, G. DO C. **Significante e significado no processo de**

alfabetização e letramento: contribuições de Saussure, 2015. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/11089/8904>. Acesso em: 19 de fev. de 2024.

ZORZI, Jaime. Educação: Questões para reflexão do fonoaudiólogo educacional frente aos desafios para ensinar a ler e escrever. In:

QUEIROGA, Bianca Arruda Manchester de; ZORZI, Jaime Luiz; GARCIA,

Vera Lúcia. **Fonoaudiologia Educacional: reflexões e relatos experiência.** Brasília: Editora Kiron, 2015.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

COSTA, Z. C.; PEREIRA, D. H. Formação de professores alfabetizadores frente aos desafios dos cursos de pedagogia: cenários contemporâneos. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 9, n.º 20, jan-jun/2024, p. 351-382.